

## O CINEMA PORNÔ E AS ENCICLOPÉDIAS DE EDUCAÇÃO SEXUAL: PEDAGOGIAS DA SEXUALIDADE

*Camila Macedo Ferreira Mikos*

**Resumo:** O que os filmes pornográficos ensinam sobre o sexo? As pedagogias da sexualidade exercidas pelo cinema pornô são incompatíveis com as exercidas por outras instâncias – reconhecidas e legitimadas - de educação sexual? A proposta deste trabalho é se aproximar dessas questões tomando como objetos de análise o filme *Garganta Profunda* (1972) e os cinco volumes que compõem a *Enciclopédia da Vida Sexual: da Fisiologia à Psicologia* (1973). A partir das considerações de Judith Butler acerca do encadeamento entre sexo, gênero e desejo, bem como dos processos de materialização da matéria, analiso o modo de encenar e de enquadrar os corpos e os atos sexuais em *Garganta Profunda*. Em seguida, trago elementos imagéticos e verbais da *Enciclopédia da Vida Sexual*, traçando diálogos e acercamentos entre as verdades do sexo que figuram nos livros e no filme.

**Palavras-chave:** Pedagogias da sexualidade. Cinema Pornô. Garganta Profunda. Educação Sexual. Enciclopédia da Vida Sexual.

### Preliminares

*Estou convencida de que os filmes exerceram e exercem (com grande poder de sedução e autoridade) pedagogias da sexualidade sobre suas plateias.*

Guacira Lopes Louro

Este trabalho parte do entendimento de que a sexualidade é um dispositivo (FOUCAULT, 1999), um constructo histórico e cultural, e que o cinema, por sua vez, configura-se como uma potente instância pedagógica, capaz de produzir efeitos de verdade a respeito do sexo e do gênero e, assim, reiterar e legitimar determinadas práticas e parcerias sexuais, ao mesmo tempo em que marginaliza e qualifica negativamente outras (LOURO, 2008). Nessa composição de pedagogias da sexualidade, entrecruzam-se, nos filmes, saberes produzidos e proliferados também por outros domínios discursivos - ampliando tanto o efeito de verdade, quanto o impacto do cinema na constituição dos sujeitos e nos processos de educabilidade dos corpos.

Efetivamente, a veiculação de pedagogias da sexualidade permeia e se estende por todos os gêneros cinematográficos, mas, neste artigo, interessa-me particularmente falar do

cinema pornô<sup>1</sup>: o que os filmes que se agrupam sob essa categoria ensinam sobre o sexo? Quais discursos acerca da sexualidade eles agenciam? E de que modo o fazem? Pois, ao dar centralidade às práticas sexuais - na composição de suas narrativas, tal qual no estabelecimento de convenções na maneira de filmar e enquadrar os corpos e as ações -, parece-me que a pornografia acaba sendo um denso ponto de passagem pelas normas que produzem e regulam o sexo, o gênero e o desejo (e as práticas que dessa cadeia advém).

Além disso, a potência pedagógica, no que tange à sexualidade, foi mobilizadora da própria história do cinema pornográfico. Os primitivos filmes pornôs do início do século XX, conhecidos como *stag films* ou *dirty movies*<sup>2</sup>, eram exibidos em bordéis e casas de prostituição, com o intuito não só de estimular os homens a desfrutarem dos serviços ofertados pelas mulheres que lá trabalhavam, mas também de instruí-los sobre os corpos e as práticas sexuais.

Se, porém, naquele momento, já se fazia uso da pornografia audiovisual como fonte de aprendizado sobre o sexo, foi com o advento da internet e a consequente facilitação do acesso de crianças e adolescentes aos conteúdos entendidos como pornográficos, que a discussão acerca das relações entre educação sexual e materiais pornôs ganhou notoriedade.

No entanto, as perguntas que, significativamente, vem sendo feitas – por pesquisadoras e pesquisadores, por educadoras e educadores, mães e pais, pelas escolas e pela mídia - parecem comumente dirigirem-se à busca por respostas sobre como afastar as crianças e adolescentes dos conteúdos pornográficos. Ouve-se, repetidamente, que a melhor estratégia é o investimento em uma educação sexual escolar que seja capaz de fornecer informações e propiciar um espaço de diálogo sobre o tema. Polariza-se e hierarquizam-se, assim, os dois campos de produção discursiva: toma-se a pornografia como divergente e inconciliável com a ideia de cientificidade - de compromisso com a verdade - que pauta a educação sexual escolar.

Às avessas de tomar como certa a desconformidade entre uma e outra, proponho-me a desconfiar da diferenciação que as coloca como instâncias pedagógicas contraditórias. A fim de melhor compreender a relação entre os saberes (re)produzidos por ambas, objetivo, neste trabalho, promover a aproximação entre um filme pornô e os volumes de uma enciclopédia de educação sexual. O que *Garganta Profunda* (1972) proclama sobre o sexo estaria

---

<sup>1</sup>Neste artigo, quando utilizo de maneira generalizante as nomenclaturas “pornô” ou “pornografia”, refiro-me ao gênero cinematográfico também conhecido como “pornografia clássica”, “pornografia/pornô *mainstream*” e “*hardcore*”: ou seja, ao conjunto de produções iniciada pelos filmes dos anos 1970 que estão relacionados a um sistema industrial de produção (aos grandes estúdios) e/ou de distribuição massiva.

<sup>2</sup>Filmes curtos, mudos e em preto & branco, realizados nas primeiras décadas dos anos 1900, na Europa e nos Estados Unidos, definidos por Nuno Cesar Abreu como “os legítimos ancestrais dos filmes de sexo explícito de hoje” (1996, p. 45).

ostensivamente situado em oposição – ou, ao menos, em incongruência – com os conteúdos apresentados pelas médicas e os médicos que escreveram a *Enciclopédia da Vida Sexual: da Fisiologia à Psicologia* (1973)? Ou estariam, as duas obras, sob a égide de uma mesma norma – tanto constituídas por ela, quanto (re)constituintes da mesma?

A fim de melhor entender essa relação, analiso o filme *Garganta Profunda*, utilizando ferramentas e conceitos oriundos dos estudos de gênero e sexualidade com aporte teórico no pós-estruturalismo – principalmente a partir das colocações de Judith Butler – e me dedicando especialmente a pensar sobre a maneira como os corpos e os atos sexuais são filmados e enquadrados pela pornografia. Em seguida, trago elementos extraídos dos cinco volumes que compõem a *Enciclopedia da Vida Sexual: da Fisiologia à Psicologia*, traçando diálogos e acercamentos entre as verdades do sexo que figuram nos livros e no filme.

### **Introduzindo (n)o *corpus* de pesquisa**

Em 1972, após apenas seis dias de filmagem e com um módico orçamento de 25 mil dólares, estreava em Nova Iorque o filme *Garganta Profunda* (*Deep Throat*). Escrito e dirigido por Gerard Damiano, foi o primeiro longa-metragem colorido e sonoro a acrescentar cenas de sexo explícito à sua narrativa e, ainda assim, ser exibido legalmente em salas de cinema. Estima-se que o filme arrecadou cerca de 600 milhões de dólares – destes, pelo menos 20 milhões teriam sido só nos Estados Unidos. A repercussão dos lucros, ainda que com valores incertos, renderam ao filme o posto de fundador da indústria<sup>3</sup> do cinema pornô<sup>4</sup>, desencadeando o surgimento de estúdios profissionais voltados às produções pornográficas, a abertura de salas destinadas exclusivamente à exibição legalizada de filmes do gênero e o aparecimento de um sistema de *porn star* semelhante aos moldes do estrelato hollywoodiano.

O argumento central de *Garganta Profunda* é a busca da personagem principal, interpretada pela atriz homônima Linda Lovelace, por um orgasmo que a faça “ouvir sinos e explosões”, não só “sentir formigamentos”. Na trama, Linda é jovem e diz gostar de sexo, já tentou várias práticas com vários parceiros, mas continua insatisfeita com a intensidade do prazer que experimenta. Depois de conversar com uma amiga, a protagonista resolve procurar

---

<sup>3</sup>Outros dois filmes, talvez menos conhecidos do que *Garganta Profunda*, mas que também fazem parte desse momento de fundação da indústria do cinema pornô são: *O Diabo na Carne de Miss Jones* (*The Devil in Miss Jones*), também dirigido por Gerard Damiano, e *Atrás da Porta Verde* (*Behind The Green Door*), dirigido por Artie e Jim Mitchell. Os três filmes, conhecidos como “a santíssima trindade do pornô” (ABREU, 1996, p. 67), estrearam entre os anos de 1972 e de 1973.

<sup>4</sup>Até à década de 1970, ainda que já houvesse a produção de filmes com conteúdo de sexo explícito, sua exibição era voltada a um público absolutamente restrito. Foi com *Garganta Profunda* que a pornografia cinematográfica passou a alcançar (e ser destinada a) grandes públicos.

o médico psiquiatra Dr. Young a fim de descobrir o motivo de seu problema. Constatado não ser um caso psicológico, Dr. Young a examina e descobre que, ao invés de na vagina, o clitóris de Linda se situa na traqueia. A resolução para o seu descontentamento sexual é então revelada: encontrar um pênis grande o suficiente para penetrar em sua garganta e fazê-la gozar.

Apenas um ano após o lançamento de *Garganta Profunda*, em 1973, na França, foi originalmente publicada a *Enciclopédia da Vida Sexual: da Fisiologia à Psicologia*. A coleção divide-se em cinco volumes, cada um deles destinado a uma faixa etária, sendo elas: dos 7 aos 9 anos, dos 10 aos 13, dos 14 aos 16, dos 17 aos 18 e, por último, um volume destinado ao público adulto. Com exceção do último, que conta com a participação, também, de uma socióloga (Suzanne Masse), são todos escritos por um mesmo grupo de profissionais da área da saúde, duas médicas ginecologistas (Christiane Verdoux e Jacqueline Kahn-Nathan), um médico ginecologista-obstetra (Jean Cohen) e um médico ginecologista-pediatra (Gilberto Tordjman).

Os volumes<sup>5</sup> da *Enciclopédia da Vida Sexual: da Fisiologia à Psicologia* lançam mão de diferentes estratégias de abordagem da temática sexual. O primeiro e o segundo, voltados às crianças mais novas, são como um livro infantil de história - utilizam personagens (nos dois casos, são personagens de uma mesma família: irmã e irmão, mãe e pai, uma tia ou prima grávida) e constroem uma narrativa capaz de abarcar diálogos que envolvam assuntos ligados à sexualidade (nos dois casos, o elemento disparador é uma gravidez/a reprodução). As ilustrações do volume destinado às crianças de 7 a 9 anos são desenhos coloridos, já as do destinado às crianças de 10 a 13 anos são fotografias em preto e branco.

O terceiro volume, voltado a adolescentes de 14 a 16 anos, é organizado em capítulos/eixos temáticos: anatomia e fisiologia; as doenças; a menstruação; a relação sexual; o casal e a maternidade; a gravidez; a puberdade, e; a adolescência. Os capítulos se desenvolvem a partir de perguntas, feitas por crianças e adolescentes, a respeito de cada um dos assuntos tratados. As ilustrações são tanto fotografias (coloridas e em preto e branco), quanto desenhos esquemáticos do interior do corpo humano.

O quarto e o quinto volume, endereçados ao público com mais de 17 anos, organizam-se, também, em capítulos. São os livros que mais se aproximam do formato tradicional de enciclopédias, reunindo um vasto conteúdo sobre diversos vieses da vida sexual. A linguagem

---

<sup>5</sup>Integrando minha pesquisa de mestrado, ainda em andamento, este trabalho não objetiva – e nem poderia fazê-lo – esgotar os cinco volumes que compõem a enciclopédia analisada. Optei, aqui, pela apresentação de uma única categoria de análise – o *continuum* sexo-gênero-desejo -, que será, junto a outras categorias, melhor detalhada em minha dissertação.

é menos informal e mais científicista, as ilustrações englobam fotografias, desenhos esquemáticos e também obras de arte. As divisões capitulares não diferem muito das do volume anterior (14 a 16 anos), mas o aprofundamento nos temas – e a subdivisão dos mesmos - é maior.

### A genitalização no *continuum* sexo-gênero-desejo



FIGURA 1 - Fotograma do filme *Garganta Profunda*

- É impressionante!
  - Se me disser que alguém esqueceu o relógio...
  - Não, não! É muito impressionante. Sra. Lovelace, a senhora não tem um!
  - Oi? Eu sou mulher, eu não deveria mesmo ter um.
  - Não, eu não quis dizer um daqueles! Você não tem clitóris. Não tem clitóris aqui!<sup>6</sup>
- (GARGANTA..., 1972, 24min)

*Garganta Profunda*, ao fundar o pornô como gênero cinematográfico, instala também uma gramática própria no que se refere ao modo de enquadrar os atos sexuais. No filme, encontramos os dois componentes que se tornaram paradigmáticos para a pornografia audiovisual: “a exibição em *close* das genitálias em ação e a ejaculação masculina fora do orifício vaginal feita 'para a câmera' (o *money shot* ou *come shot*)” (ABREU, 1996, p.96). Nuno Cesar Abreu, no livro *O Olhar Pornô* (1996), atribui a esses elementos a evidência de verdade e o efeito de impressão de realidade (p. 65), importantes para o sucesso com o público. Porém, com inspiração no pensamento de Judith Butler, podemos pensar os *close*s em genitálias, mais do que como indício de uma verdade, como produzidos em função de um regime de verdades: a heterossexualidade compulsória.

Abreu localiza o princípio dinâmico motivador da narrativa pornô nas diferenças entre o masculino e o feminino (1996, p.110). Mas a quais diferenças ele se refere? Considerando a importância dos *close*s de genitálias, podemos assumir que essa diferenciação se pretende

---

<sup>6</sup>Excerto de diálogo do filme. Momento em que Dr. Young deposita um olhar em *close* na vagina de Linda a procura do clitóris.

anunciada na matéria dos corpos em cena. Se fizermos, no entanto, como nos convida Butler, “um retorno à noção de matéria, não como local ou superfície, mas como *um processo de materialização que se estabiliza ao longo do tempo para produzir o efeito de fronteira, de fixidez e de superfície – daquilo que nós chamamos matéria*” (2013b, p. 163), chegaremos à questão: “através de que normas regulatórias é o próprio sexo materializado? E por que é que tratar a materialidade do sexo como um dado pressupõe e consolida as condições normativas de sua própria emergência?” (BUTLER, 2013b, p. 163).

Ainda que a diferença sexual seja comumente centrada em diferenças materiais, o “sexo” é, em outras palavras, um construto que se materializa – e que também produz a materialização - de normas regulatórias (BUTLER, 2013b, p. 153). Sendo que, para a autora, essas normas “trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual” (2013b, p. 154).

À medida que os *closes* pornográficos mostram a unificação (hetero)sexual entre homem e mulher, também demarcam visualmente a cisão entre o que é homem (pênis) e o que é mulher (vagina), produzindo-os como corpos inteligíveis desde sua coerência e continuidade na cadeia - estabelecida pela própria heterossexualidade compulsória - entre sexo, gênero e desejo. Essa cadeia normativa exige que se produza dois corpos, dois sexos, dois gêneros e o desejo de um pelo o outro. Marcar a diferença sexual como um dado - está ali, na anatomia, na matéria – é uma tentativa de isolar e estabilizar as instâncias do feminino e do masculino para, por fim, naturalizar e valorar como “normal” o desejo e as práticas heterossexuais.

Mas o componente paradigmático dos filmes pornô não se resume ao *close* das genitálias, as genitálias precisam estar *em ação*. E o que seria o “em ação” de um filme pornô?

Basta una película porno para encontrar aquellos recursos que una y otra vez se repiten en todas las otras películas del género. Más allá de las pequeñas variaciones de cada relato, las secuencias narrativas son siempre las mismas: el superpoderoso pene que penetra lo que encuentra a su alcance; la mujer extasiada que – en las mil y una posiciones – abre su vagina, su boca y su ano para recibir gustosa al héroe falo; la infaltable proeza del mete-saca y la eyaculación como final. (MILANO, 2014, p. 37)

Nas nove sequências de atos sexuais que compõem *Garganta Profunda*, ocupando cerca de 28 minutos do filme – que, ao todo, dura 61 minutos -, encontramos planos em *close* de: vagina durante *cunnilingus* (ou língua penetrando vagina), pênis durante felação (ou pênis penetrando boca), pênis penetrando vagina, pênis penetrando ânus, dedo penetrando vagina e

dedo penetrando ânus. Como o título e a trama sugerem, desses, o tipo de ação que aparece em maior quantidade de planos, são as felações (seguidas, em segundo lugar, pela penetração de vagina por pênis).

O fato de que, em todos os casos, o penetrador seja um personagem masculino cisgênero<sup>7</sup> e a penetrada uma personagem feminina cisgênera, mesmo quando o orifício penetrado não é a vagina e/ou quando o órgão penetrador não é um pênis, demonstra a indissociabilidade defendida por Butler entre a matéria dos corpos e as normas regulatórias que governam sua materialização. Se é um dedo que penetra a vagina, por que o dedo não pode ser de uma mulher? Se é uma boca que é penetrada pelo pênis, por que a boca não pode ser de um homem? Se é um dedo que penetra o ânus, por que o ânus e o dedo não podem ser de mulheres, ou o dedo e o ânus de homens, ou o dedo de uma mulher e o ânus de um homem? Ou, ainda, por que é que a um corpo com pênis se designa indiscutivelmente o status de homem e, a um corpo com vagina, o de mulher?

O empreendimento genealógico de Butler “de estabelecer las condiciones normativas en las que se enmarca y se forma la materialidad del cuerpo y, en particular, cómo se forma a través de categorías diferenciales de sexo” (2002, p. 40), direciona-se a mostrar que a diferença sexual opera na própria formulação da matéria – assim, evocar a materialidade significa evocar uma história, não uma instância inequívoca. Nesse sentido, no livro *Bodies That Matter – On The Discursive Limits Of “Sex”* (1993), Butler estabelece um diálogo com a leitura feita por Luce Irigaray, em seu ensaio *Une Mère de Glace* (1974), sobre a *chôra* da cosmogênese platônica<sup>8</sup>.

Em *Timeu*, Platão escreve sobre a *chôra*: “(...) recebe sempre tudo, e nunca em circunstância alguma assume uma forma que seja semelhante a algo que nela entra” (50b-c). A palavra “assumir”, aqui, aparece como tradução para o termo original grego *éilephen*. De suas demais possíveis traduções, Irigaray recorre ao significado “conceber”, entendendo a

---

<sup>7</sup>A cisgeneridade refere-se a pessoas de quem o sexo e o gênero estão coerentemente alinhados na cadeia, regulada pela matriz heterossexual, sexo-gênero-desejo. Ou seja, por “personagem masculino cisgênero”, refiro-me a personagens masculinos com pênis; por “personagem feminina cisgênera”, refiro-me a personagens femininas com vagina. No contexto do filme *Garganta Profunda*, não há nenhum personagem que promova qualquer tipo de dissonância em relação à coerência sexo-gênero.

<sup>8</sup>Na filosofia platônica, encontramos a divisão entre “mundo sensível” (dos fenômenos, acessível pelos sentidos) e “mundo inteligível” (o mundo das ideias, das essências imutáveis), onde o primeiro seria, grosso modo, uma espécie de cópia do segundo – no famoso Mito da Caverna, Platão alegoricamente representa essa divisão através da caverna (mundo sensível) e do lado de fora (mundo inteligível). Para a geração do mundo sensível, a *chôra* é indicada como um receptáculo - um meio espacial - no qual a cópia acontece. À tríade “mundo inteligível - *chôra* - mundo sensível”, Platão atribui, metaforicamente, a relação “pai – mãe – filho”, sendo: o filho, o mundo sensível, aquele que nasce na mãe, a *chôra*, e que é gerado à semelhança do pai, o mundo inteligível. No mundo inteligível, estariam as Formas (as ideias substanciais); no mundo sensível, os objetos materiais; e a *chôra*, por sua vez, é destituída de forma para que possa acolher todos os objetos. (ver em: PLATÃO. *Timeu*. Tradução de Rodolfo Lopes. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011).

proibição - no contexto de aproximação entre o receptáculo/*chôra*/mãe/feminino e Forma/pai/masculino -, como uma restrição à participação do feminino na reprodução do masculino (ou seja, na concepção da matéria/filho à semelhança da Forma/pai).

Butler, no entanto, propõe o uso de outra tradução para o termo *éilephen*: “ter ou tomar uma esposa”. Assim, a proibição platônica seria, no contexto da tríade Forma-*chôra*-matéria, a garantia de ser sempre a *chôra* (a mãe/o feminino) a ser penetrada pela Forma (o pai/o masculino):

Porque ella nunca se asemejará a - y por tanto, nunca entrará en - otra materialidad. Esto significa que él - recordemos que, en esta tríada, las Formas se vinculan con el padre - nunca será penetrado por ella o, en realidad, por nada. Porque él es el penetrador impenetrable y ella lo invariablemente penetrado. Y "él" nunca se diferenciaría de "ella" si no fuera por esta prohibición de semejanza que establece que las posiciones de ambos son recíprocamente excluyentes y, sin embargo, complementarias. (BUTLER, 2002, p. 88)

A matriz heterossexual, então, que estabelece que apenas a Forma (o masculino/ “ele”) penetra e que apenas a *chôra* (o feminino/ “ela”) é penetrada, necessita de uma lógica de diferenciação - “ela” x “ele” - e de não contradição – “ela nunca se assemelhará a ele” – para assegurar a estabilidade dessas posições generificadas. Butler continua:

Podría interpretarse esta prohibición que asegura la impenetrabilidad de lo masculino como una especie de pánico, el pánico a llegar a "parecerse" a ella, a afeminarse o el pánico a lo que podría ocurrir si se autorizara una penetración masculina de lo masculino, o una penetración femenina de lo femenino o una penetración femenina de lo masculino o la reversibilidad de estas posiciones, para no mencionar la posibilidad de una confusión completa de lo que puede considerarse "penetración". (2002, p. 89)

O pânico, aqui, parece pressupor uma insegurança: algo não está garantido. Sem as regulações heteronormativas, a materialização da matéria evidenciar-se-ia instável e aberta a outras articulações que não as binariamente generificadas?

¿Conservarían los términos "masculino" y "femenino" una significación estable? ¿O la relajación de los tabúes contra la penetración extraviada desestabilizaría gravemente estas posiciones generizadas? Si fuera posible tener una relación de penetración entre dos posiciones generizadas ostensiblemente como femeninas, ¿sería éste el tipo de semejanza que debe prohibirse para que la metafísica occidental pueda ponerse en marcha? (BUTLER, 2002, p. 89)

Deslocando a argumentação butleriana do contexto filosófico e aproximando-a da análise das sequências de sexo explícito presentes em *Garganta Profunda*, poderíamos considerar os *closes* de genitálias em (penetr)ação heterossexual, não só como instância de



fixação da diferenciação sexual binária (produzida pelo e produtora do *continuum* sexo-gênero-desejo), mas também como estabilizadora da própria materialização da matéria (entendida como o sexo) dos corpos? Em outras palavras: serviriam os *close*s de penetração não só para demarcar e consolidar que “tem vagina, logo é um corpo feminino, logo é uma mulher, logo deseja/transa com homem”, ou “tem pênis, logo é um corpo masculino, logo é um homem, logo deseja/transa com mulher”, como também para materializar o sexo, mesmo quando não houver um pênis e/ou uma vagina em *close*, através da regulação “penetra, logo é corpo masculino, logo é forma-pênis” e “é penetrada, logo é feminino, logo é receptáculo-vagina”?

Nuno Cesar Abreu explica que a especificidade do pornô enquanto gênero cinematográfico é a “ação sexual *na e como* narrativa” (1996, p. 110), em que o sexo é tanto apresentado como problema/conflito desencadeador da trama, quanto como desenlace/solução da mesma. Sendo o desejo heterossexual a força eruptiva da narrativa, o autor afirma que é “a relação/oposição entre os sexos que parece animar os conflitos, e como a natureza destes é sempre de ordem sexual, a solução se dá sempre através do sexo, figurada nas *performances*” (1996, p. 111). Assim, se a uma penetração em *close* - na qual, por exemplo, o órgão penetrador é um dedo e o orifício penetrado é um ânus - não se pudesse ter certeza que o sexo do corpo penetrado corresponde a uma vagina e que o sexo do corpo penetrador corresponde a um pênis, conseguir-se-ia desencadear e solucionar um tipo de narrativa que se faz especificamente centrada no sexo?

Aqui, as diferentes acepções do termo “sexo” fazem-se elucidativamente entrecruzadas: sexo enquanto ação sexual, sexo enquanto genitália e sexo enquanto superfície sobre a qual, em uma visão ontológica, inscrever-se-ia o gênero. A eleição dos *close*s de penetração como enquadramentos emblemáticos poderia ser explicada, portanto, a partir da noção de que o sexo, como ato, está invariavelmente atrelado ao sexo, como matéria/órgão genital, e que, por sua vez, a matéria/órgão tem sua materialização regulada pela matriz heterossexual – que estabelece a generificação, diferenciando excludentemente o feminino do masculino e atribuindo-lhes posições complementárias: ele penetra, ela é penetrada. Assim, faz-se da penetração o ato *sine qua non* da narrativa pornográfica e, conseqüentemente, de uma ideia de verdade a respeito da ação sexual.

Semelhantemente ao padrão conceutivo “Forma penetra *chôra* e gera a matéria”, a penetração do feminino pelo masculino na relação sexual pornográfica também atende aos pressupostos reprodutivos, sendo a ejaculação masculina (explorada no *come shot*) o elemento que completa a tríade. Órgão genital ↔ órgão sexual ↔ órgão reprodutivo: também aqui a

articulação de uma malha de terminologias se faz ilustrativa do completo comprometimento entre a iconografia pornográfica e a matriz heterossexual. O ritual “penetra, goza” (re)produz um saber e uma norma que equivalem a ação sexual ao coito, à cópula. A esse respeito, afirma Laura Milano:

En líneas generales, no hay mucha diferencia entre los documentales sobre la reproducción de animales selvajes y la muestra documental de la genitalidad entre los humanos que ofrece la pornografía. Los actos sexuales en pantalla deben mostrarse con la misma pretensión de realidad que un documental [...]. La eyaculación es la evidencia de que lo que ha pasado entre los actores frente a cámara há sido verdadero, por ello es el signo distintivo de la discursividad pornográfica actual. El sexo allí representado por los actores no há sido una ficción, sino un hecho real. (2014, p.43)

A comparação entre pornografia e os documentários sobre a reprodução de animais selvagens é profícua ao apontar para a vinculação da sexualidade à ideia de natureza. Foucault, na conceituação da sexualidade como um dispositivo, evidenciou o caráter artificial desse vínculo - onde o “natural”, desde o século XIX, aparece como instância de legitimação e critério de normalidade para o que é pertinente ao sexo. Desse modo, a ejaculação, mais do que comprovar a verdade da relação sexual realizada em cena, parece também dizer do entendimento da Natureza como uma não-ficção: penetra-se e ejacula-se, o homem na mulher, porque esse é o natural e é essa a verdade do sexo – o homem tem um pênis, a mulher tem uma vagina, “ele” deseja “ela” (e vice-versa), os corpos são diferentes e complementares, o pênis penetra a vagina e, por fim, o pênis ejacula em resposta ao prazer da ação. Como resultado, o produto natural da verdade: o *come shot*, na pornografia, a reprodução da espécie, na natureza.



FIGURA 2 - Fotograma do filme *Garganta Profunda*

Essa matriz heterossexual e reprodutiva se faz, nos volumes da enciclopédia, ainda mais bem delimitada. Ser uma “mulher plena” ou um “homem verdadeiro” estaria, segundo nela consta, diretamente relacionado à capacidade reprodutiva:

“A menstruação é um fenômeno natural que confirma a capacidade procriadora da moça: abre-se para ela o caminho que a levará ao seu pleno desabrochar de mulher e de futura mãe”.

(COHEN, J. et al., 1977a, pg. 119)

“(…), o adolescente tem frequentes poluções 'noturnas': por ocasião de certos sonhos ou emoções seu organismo se desfaz de espermatozoides que os testículos fabricam. O menino se torna um *verdadeiro homem*”.

(COHEN, J. et al., 1977a, pg. 120)

E, em continuidade, ao desejo heterossexual:

“Ora, em nossa sociedade, para provar a si mesmo que é um homem, o adolescente não dispõe de outro meio além da conquista da mulher”.

(COHEN, J. et al., 1977a, pg. 150)

Nessa cadência, as genitálias, nas imagens que ilustram os volumes, são tão privilegiadas quanto no filme pornográfico. As autoras e os autores dedicam-se, em todos os livros, a descrever minuciosamente os funcionamentos e especificidades de cada parte do dito “sistema reprodutor” e, para isso, fazem uso de diversas ilustrações. Os órgãos genitais aparecem ora em destaque, ora recortados do restante do corpo; às vezes em fotografias ou desenhos realistas, às vezes em desenhos esquemáticos que buscam indicar suas camadas internas. Muitas vezes - sejam nos planos “ginecológicos”, sejam nas representações de ações sexuais -, os recortes e enquadramentos são bastante semelhantes aos de *Garganta Profunda*:

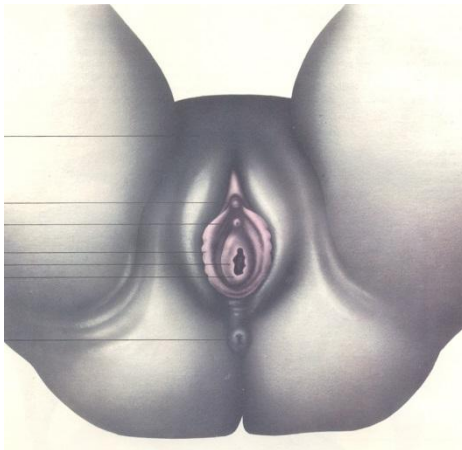


FIGURA 3 – Ilustração da enciclopédia (COHEN, J. et al., 1977a, pg. 34)



FIGURA 4 – Fotograma do filme *Garganta Profunda*

Abaixo, o desenho da enciclopédia praticamente corresponde a uma vista “por baixo da carne” dos corpos que figuram o fotograma do filme:

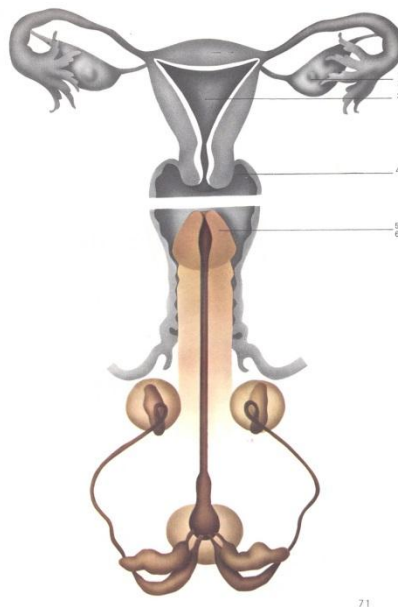


FIGURA 5 – Ilustração da enciclopédia (COHEN, J. et al., 1977a, pg. 71)



FIGURA 6 – Fotograma do filme *Garganta Profunda*

A comparação de Laura Milano, entre a pornografia e os documentários de reprodução da espécie, e a ideia de ação sexual – resumida a: penetra, goza – como sinônimo de coito/cópula, são levadas, na enciclopédia, às últimas consequências. Efetivamente se naturaliza as práticas sexuais a partir dos comparativos com a reprodução de outras espécies, utilizando descrições e imagens que aproximam as posições de corpos humanos, durante a relação sexual, ao de outros animais acasalando.

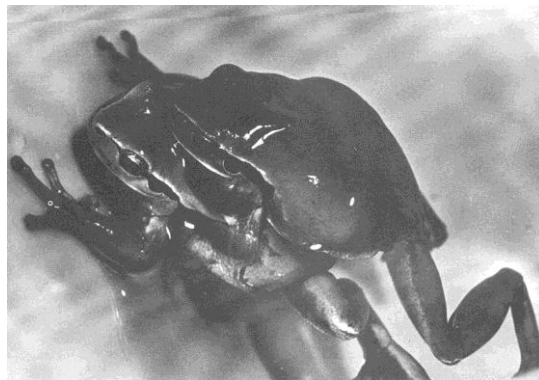


FIGURA 7 – Ilustração da enciclopédia (COHEN, J. et al., 1977a, pg. 18)

“Em todos os animais o encontro óvulo-espermatozóide tem como resultado a criação de um ovo. Mas as modalidades desse encontro são diferentes segundo as espécies.  
Entre as rãs, por exemplo, os ovos são postos e recebem os espermatozoides durante sua postura: o macho se coloca sobre a fêmea para fecundá-los e eles se desenvolvem sozinhos na água”.

(COHEN, J. et al., 1977a, pg. 19)



FIGURA 8 – Ilustração da enciclopédia (COHEN, J. et al., 1975b, pg. 52-53)

“O homem deita-se sobre a mulher, introduzindo o pênis na sua vagina. É fácil, porque, tendo ela se tornado muito úmida, o pênis desliza, instintivamente, para o seu interior. Seus dois corpos são, agora, um apenas. O prazer que sentem é tão grande que o homem tem uma ejaculação. É o que se denomina gozo”.

(COHEN, J. et al., 1975b, pg. 51)

Nesse empreendimento de naturalização da heterossexualidade e da genitalização do desejo, recorre-se à ideia de uma complementariedade entre os corpos e, novamente, de diferenciação a partir do homem-penetrador e da mulher-penetrada:

“Eles [os órgãos genitais] são constituídos de tal forma que a relação sexual seja possível entre um homem e uma mulher. Assim é que o homem tem um órgão *em relevo*, o pênis, que pode ser introduzido num órgão *côncavo*, a vagina da mulher, durante as relações sexuais”.

(COHEN, J. et al., 1977a, pg. 18)

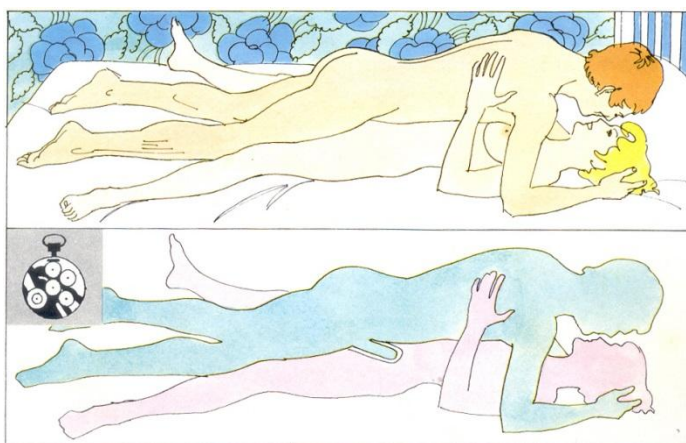


FIGURA 9 – Ilustração da enciclopédia (COHEN, J. et al., 1975a, pg. 37)

A penetração heterossexual, assim como em *Garganta Profunda*, funcionando como definidora da verdade da “ação/relação sexual”:

“Não pode haver relação sexual sem a introdução do pênis na vagina. Portanto, somente a relação 'interna' é uma verdadeira relação sexual”.

(COHEN, J. et al., 1977a, pg. 57)

O orgasmo é, também, pontuado como fim e finalidade da ação - tanto pela relação da ejaculação com a fecundação, quanto por não se propor um descolamento da ideia de prazer à ideia de gozo.

“O orgasmo pode ser definido como 'o ápice do prazer sexual, que é sua meta'”.

(COHEN, J. et al., 1977b, pg. 67)

Ao que as considerações feitas até aqui indicam, o sexo do qual fala *Garganta Profunda* é o mesmo sexo falado, “da fisiologia à psicologia”, pela *Enciclopédia da Vida Sexual*. Ainda assim, o final deste texto não será conclusivo como um *come shot* – que, tanto na pedagogização do sexo feita pela pornografia, quanto na feita pela educação sexual científica e medicalizada -, aparece reiteradamente como o *grand finale* da ação sexual. A análise que aqui busquei desenvolver é apenas um recorte que não aspira esgotar inquietações ou produzir argumentos decisivos acerca do filme *Garganta Profunda* (ou, menos ainda, acerca do cinema pornô como um todo), tampouco reduzir o que se entende por educação sexual<sup>9</sup> aos parciais conteúdos de uma única enciclopédia.

De todo o modo, esta pesquisa – que, por ora, nada mais é do que um *close*, um fragmento, de uma pesquisa mais ampla e ainda em andamento – objetiva apresentar elementos que apontam para a pornografia, aqui exemplificada pelo filme *Garganta Profunda*, como mais uma instância discursiva produzida no interior das normas regulatórias do sexo e (re)produtora dessas mesmas normas, sendo tanto constituída pela, quanto constituinte da, verdade do sexo que outros saberes e discursos – mais aceitos e legitimados - também produzem e proliferam.

Não se trata, pois, e parece-me necessário afirmar isto, de uma defesa, a partir da aproximação desses saberes, da pornografia como um instrumento pedagógico equivalente, em todos os seus aspectos, ao de, por exemplo, uma enciclopédia. Também não se trata, por outro lado, de embutir na enciclopédia (e, de maneira alguma, na educação sexual escolar), pejorativamente, o rótulo de “pornográfica”. Ao colocar filme e enciclopédia lado a lado,

---

<sup>9</sup>O que proponho que se entenda como educação sexual é, sim, também o que está na enciclopédia e no filme, mas, além deles, o que a partir deles se espalhou - desembocando em programas de ensino, livros paradidáticos e, finalmente, na instituição da “orientação sexual” como um tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

traçando pontos de encontro entre ambos, miro, não em um ou no outro, mas precisamente nisto o que neles não é nada desigual: a naturalizada matriz heterossexual.

Interessa-me, por fim, com este trabalho, aludir ao que tenho buscado desenvolver em minha pesquisa de mestrado: o entendimento do cinema pornô e das enciclopédias dos anos 1970 como condição de possibilidade de emergência dos discursos que constituíram, a partir dos anos 1990, isso a que se chama “educação sexual”. Ou, em outros termos, construir, a partir das enciclopédias e do cinema pornográfico, camadas de uma genealogia da educação sexual.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Nuno Cesar. **O Olhar Pornô: A representação do obsceno no cinema e no vídeo.** Campinas: Mercado de Letras, 1996.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade/** Judith Butler; tradução, Renato Aguiar. - 5ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013a.

\_\_\_\_\_. "Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo". Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. – 3ªed. - In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013b. p. 151-172.

\_\_\_\_\_. **Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"** - 1ª ed. - Buenos Aires: Paidós, 2002.

COHEN, Jean; KAHN-NATHAN, Jacqueline; TORDJMAN, Gilbert; VERDOUX, Christiane. (1973) **Enciclopédia da Vida Sexual: da fisiologia à psicologia (7/9 anos).** Trad. de Vera Cecília Viotti de Campos Toledo. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1975a.

COHEN, Jean; KAHN-NATHAN, Jacqueline; TORDJMAN, Gilbert; VERDOUX, Christiane. (1973) **Enciclopédia da Vida Sexual: da fisiologia à psicologia (10/13 anos).** Trad. de Vera Cecília Viotti de Campos Toledo. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1975b.

COHEN, Jean; KAHN-NATHAN, Jacqueline; TORDJMAN, Gilbert; VERDOUX, Christiane. (1977) **Enciclopédia da Vida Sexual: da fisiologia à psicologia (14/16 anos).** Trad. de Margarida Bulhões Pedreira Genevois. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1977a.

COHEN, Jean; KAHN-NATHAN, Jacqueline; TORDJMAN, Gilbert; VERDOUX, Christiane. (1977) **Enciclopédia da Vida Sexual: da fisiologia à psicologia (17/18 anos).** Trad. de Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1977b.

COHEN, Jean; KAHN-NATHAN, Jacqueline; TORDJMAN, Gilbert; VERDOUX, Christiane. (1977) **Enciclopédia da Vida Sexual: da fisiologia à psicologia (adultos).** Trad. de Édson Araújo Cabral. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1977c.



FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

**GARGANTA Profunda**. Direção: Gerard Damiano. Gerard Damiano Film Productions. Miami, Florida, EUA, 1972. 61 min. Som, cor, 16mm.

LOURO, Guacira Lopes. **Cinema & Sexualidade**. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 81-98, jan./jun. 2008.

MILANO, Laura. **Usina Posporno**: disidenciam sexual, arte y autogestión en la pospornografía. 1ed. Buenos Aires: Título, 2014.

PLATÃO. **Timeu**. Tradução de Rodolfo Lopes. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011.